



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## “Tenho Celular, Logo Existo” Um Estudo da Nomofobia em Estudantes Universitários <sup>1</sup>

**Thyciane Santos Oliveira<sup>2</sup>**  
Universidade Potiguar

**Manoel Pereira da Rocha Neto<sup>3</sup>**  
Universidade Potiguar

**Laís Karla da Silva Barreto<sup>4</sup>**  
Universidade Potiguar

**Lydia Maria Pinto Brito<sup>5</sup>**  
Universidade Potiguar

**Leonardo Victor de Sá Pinheiro<sup>6</sup>**  
Universidade Federal do Piauí

### Resumo

Considerando o crescimento do uso do telefone celular em todo o mundo e o pouco conhecimento em relação aos efeitos da utilização demasiada desses aparelhos, o objetivo desse estudo foi investigar o nível de nomofobia e as características comportamentais de universitários em relação à dependência do telefone celular. Foi adotada abordagem multimetodológica, participando do estudo 377 estudantes do curso de Administração das cidades de Fortaleza/CE e Natal/RN. Os dados quantitativos foram analisados via *software* SPSS e os dados qualitativos por análise de conteúdo. Foi constatado maior dependência das mulheres, pessoas jovens e estudantes que estavam nos semestres mais avançados. Os significados atribuídos giraram em torno da importância como um meio de comunicação, a necessidade de uso e a possibilidade de organização que as diferentes ferramentas proporcionam. Espera-se que as identificações encontradas permitam reflexões aos cuidados a serem adotados com o uso demasiado desses aparelhos.

**Palavras-chave:** Nomofobia; *Smartphone*; Comunicação; Dependência.

### 1 Introdução

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Identidade: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup>Mestranda em Administração pela Universidade Potiguar (UnP) e especialista em Gestão de Marketing pelo Centro Universitário SENAC/SP. E-mail: thycianest@hotmail.com

<sup>3</sup>Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: manupereira@unp.br

<sup>4</sup>Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: laisbarreto@gmail.com

<sup>5</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Potiguar (UnP). E-mail: lydiampbrito@yahoo.com.br

<sup>6</sup>Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professor do curso de Administração da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: leonardopinheiro@hotmail.com



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Nunca a comunicação foi tão fácil e tão abrangente. No cenário dinâmico das inovações tecnológicas, o *smartphone* trouxe mudanças revolucionárias nas formas como as pessoas interagem umas com as outras (KIM, 2018), ocasionando uma nova configuração social em que o mundo real e o virtual muitas vezes se confundem e são vividos simultaneamente. Estudos sobre a utilização dessa tecnologia e a comodidade que ela traz para as pessoas já abordam, de forma mais específica, as consequências que as plataformas digitais podem provocar nos indivíduos, ganhando espaço de discussão entre governos, organizações e sociedade.

Que o celular facilitou a vida dos seres humanos, disso ninguém tem dúvida. Nas últimas décadas, a facilidade de acesso da população para a compra de *smartphones* aumenta a aquisição e o uso de novas tecnologias, que se tornam obsoletas a cada instante que um novo aparelho é lançado. Embora esses aparelhos viabilize uma série de benefícios, o uso excessivo dos celulares também pode provocar sérios transtornos psicológicos, físicos e sociais. De acordo com King, Nardi e Cardoso (2014), a utilização exagerada do *smartphone* passa a provocar nas pessoas alterações comportamentais, emocionais e sinais semelhantes aos apresentados pelos usuários de drogas, o que demonstra os efeitos nocivos que a dependência tecnológica pode ocasionar.

Atualmente, o Brasil possui um total de 236,2 milhões de celulares cadastrados (ANATEL, 2018), o que equivale a uma quantidade maior do que a população nacional, que corresponde a aproximadamente 207,7 milhões de habitantes (IBGE, 2018). Tantas pessoas usando esses aparelhos está levando ao surgimento de um fenômeno que começa a chamar cada vez mais a atenção dos estudiosos. Trata-se do vício específico do celular, computador e internet: a nomofobia, nome dado ao mal-estar e medo de ficar sem contato ou acesso à internet, computadores e telefone celular (KING et al., 2014). Conhecida também como o transtorno do século 21, a nomofobia geralmente vem acompanhada por outros problemas psicológicos, tais como: alteração no humor, fobia social, depressão, síndrome do pânico, ansiedade, dentre outras (YILDIRIM; CORREIA, 2015; KING; NARDI; CARDOSO, 2014).

No país, cerca de 10% da população já são considerados viciados digitais (OLIVEIRA, 2013). Visto que o desenvolvimento dessa dependência congrega uma série de aspectos comportamentais e predisposicionais, diversos estudos procuram compreender as influências e consequências que a nomofobia pode acarretar (KIM, 2018; SOLER; SÁNCHEZ; SOLER, 2017; BRAGAZZI; PUENTE, 2014; SZPAKOW; STRYZHAK; PROKOPOWICZ, 2011; KRAJEWSKA-KUŁAK et al., 2012).



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Nesse aspecto, a perda de controle do tempo de uso do aparelho e a preocupação demasiada e constante por não estar conectado à internet faz com que impactos significativos sejam provocados à saúde física e psicológica dos usuários.

Apesar de qualquer pessoa poder estar exposta a essa dependência, a população jovem parece ser a mais vulnerável ao vício no *smartphone*. Ao considerar que os estudantes universitários são os mais propensos a sofrerem os efeitos negativos do uso exagerado do celular (HARTANTO; YANG, 2016), estes fazem parte das primeiras gerações adultas que já cresceram com o acesso à internet e ao *smartphone*, podendo ser considerados, portanto, “nativos” do celular (FORGAYS; HYMAN; SCHREIBER, 2014).

Diante disso, o presente estudo buscou responder ao seguinte questionamento: Qual o nível de dependência dos estudantes universitários em relação ao *smartphone* e qual o significado que atribuem ao uso do aparelho? Para responder a essa questão, determinou-se como objetivo geral desta pesquisa investigar o nível de nomofobia e as características comportamentais dos universitários em relação à dependência do telefone celular.

Com base no exposto, ampliar os conhecimentos sobre o nível de dependência e o significado que os *smartphones* possuem para os estudantes faz-se importante pelo potencial de contribuir para um melhor desenvolvimento de ações que ajudem a minimizar o vício nesses aparelhos, bem como pela possibilidade de reflexões que permitam um maior entendimento da importância de se discutir o tema nos mais variados contextos, particularmente os sociais, de trabalho e acadêmicos.

## **2 Revisão da Literatura**

A revisão da literatura está organizada mediante a exploração de dois aspectos-chaves para a compreensão das análises e discussões. Inicialmente, é feita uma contextualização geral acerca da nomofobia, suas características e desafios, bem como alguns dos principais estudos sobre o tema. Posteriormente, é tratado de forma mais específica a relação entre o uso do celular e a dependência do aparelho, sinalizando algumas pesquisas que direcionam para uma melhor compreensão do vício no *smartphone*.

### **2.1 Contextualizando Nomofobia**





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

As tecnologias móveis podem modificar as dinâmicas sociais através de novas formas de comunicação e participação (LYYTINEN; YOO, 2002). Nesse sentido, levando-se em consideração os constantes avanços tecnológicos, os *smartphones* se tornaram indispensáveis, sendo crescente, segundo Szpakow, Stryzhak e Prokopowicz (2011) e Krajewska-Kułąk et al. (2012), o aumento do seu uso na última década, especialmente em crianças e adolescentes.

A introdução de telefones celulares e novas tecnologias têm moldado a vida diária, com aspectos positivos e negativos. O uso em excesso de *smartphones* pode causar dependência, provocando alterações emocionais, bem como sintomas físicos e psicológicos, tais como: aumento da ansiedade, taquicardia, alterações respiratórias, tremores, transpiração, pânico, medo e depressão (KING et al., 2014).

A dependência do uso de computadores, internet e telefone celular pode ser caracterizada, segundo King et al. (2014), como nomofobia, que significa o medo moderno de ser incapaz de se comunicar através do *smartphone* ou da internet. Nomofobia é, portando, a angústia ou medo do indivíduo ficar impossibilitado de se comunicar pelas novas tecnologias, ou seja, a fobia de estar sem o telefone celular, computador e/ou internet. Nessa perspectiva, Yildirim e Correia (2015, p. 136, tradução nossa) também definem nomofobia como sendo:

O medo de não ser capaz de utilizar um aparelho ou um telefone móvel e/ou os serviços oferecidos. Refere-se ao medo de não ser capaz de se comunicar, perdendo a conexão que os *smartphones* permitem, não ser capaz de acessar informações através dos *smartphones*, e a conveniência que os *smartphones* oferecem.

O termo foi utilizado pela primeira vez na Inglaterra em 2008, referente a abreviação das palavras inglesas “*no mobile phone phobia*”, que significa “fobia de ficar sem telefone” (YILDIRIM; CORREIA, 2015; KING et al., 2014). Caracterizada pela ausência de uma comunicação face-a-face, o uso constante dessas novas tecnologias também pode interferir nas interações sociais, causando comportamentos confusos e sentimentos ruins, o que pode levar ao isolamento social, um certo grau de alienação, problemas econômicos/financeiros e patologias físicas e psicológicas, tais como: danos relacionados à radiação do campo eletromagnético, acidentes de carro e a angústia ligada ao medo de não ser capaz de usar novos dispositivos tecnológicos (BRAGAZZI; PUENTE, 2014).

Ao influenciar intensamente os comportamentos interpessoais e sociais, Bragazzi e Puente (2014) apontam as principais características relacionadas à nomofobia, especificamente voltado ao uso excessivo do aparelho celular, tais como: usar regularmente o *smartphone* e gastar um tempo



considerável na sua utilização; sempre levar o carregador consigo devido ao medo de ficar sem bateria; sentir-se ansioso ou nervoso quando o telefone não está próximo ou sem conexão com a internet; manter o celular sempre ligado (24 horas por dia) e dormir com o aparelho próximo a cama; olhar constantemente a tela do aparelho para verificar se mensagens ou chamadas foram recebidas; preferir se comunicar usando as novas tecnologias; e contrair dívidas e grande despesas devido ao uso do aparelho.

Em relação as consequências físicas que a nomofobia pode acarretar, Lee et al. (2012) acreditam que devido ao uso repetitivo do punho com a utilização excessiva do celular, lesões no pulso podem ser frequentes, fazendo-se necessário, portanto, precauções ao usar esses aparelhos. Por sua vez, Krajewska-Kułak et al. (2012) também alertam que o uso exagerado do celular tem sido associado a fatores de risco para o pescoço, ombro e dores lombar em adolescentes, além de problemas relacionados à audição e visão.

Em tempos de conectividade, a mobilidade proporcionada pelo celular se torna uma condição indispensável para o mundo moderno. Com base na crescente quantidade de indícios que colocam em discussão os efeitos negativos do uso em excesso do *smartphone*, diversos estudos passaram a analisar as causas e consequências da utilização demasiada desses aparelhos, colocando em questão os efeitos nocivos, que até então eram timidamente abordados na literatura. Sendo assim, diante das particularidades voltadas às diferentes tecnologias existentes, observa-se a necessidade de explorar os estudos específicos que abordam o uso dos celulares e seus impactos no cotidiano dos seres humanos, bem como seus desafios e perspectivas.

## 2.2 O Celular e o Uso Excessivo do Aparelho

"Não posso discutir isto agora. Dirigir e falar no Facebook não é seguro! Haha" (Última postagem de Taylor Sauer no facebook, 1994 – 2012).

Antes de morrer em um trágico acidente de carro, a adolescente americana Taylor Sauer, de 18 anos, postou sua última mensagem no facebook, enquanto dirigia a 130 km/h. Casos como o de Taylor passaram a ser cada vez mais comuns nos últimos anos, principalmente no Brasil. De acordo com a Associação Brasileira de Medicina do Tráfego (ABRAMET), o uso do celular na direção já é a terceira causa de mortes no país, sendo registrado cerca de 150 acidentes por dia ou quase 54 mil por ano (BURNIER, 2017).



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Os hábitos e as consequências causadas pela dependência e o uso excessivo do celular ainda aparecem de forma tímida nas discussões nacionais, tendo em vista que boa parte da literatura encontrada é de outros países. O constante crescimento das inovações no mercado dos *smartphones* potencializa o desejo dos consumidores em adquirir e utilizar as novidades lançadas, fazendo com que seus usuários fiquem cada vez mais tempo diante desses aparelhos. Para Borges et al. (2016, p. 206), “os *smartphones* se tornaram objeto de desejo por concentrar, em um design simples, em um único aparelho, as funções de telefone (voz) e de processamento de dados, geralmente executadas em um computador (PC)”.

Segundo Barcelos, Esteves e Piegas (2015, p. 49), até o ano de 1997 “o interessado em adquirir uma linha de celular precisava se cadastrar a uma telefônica local e esperar até 3 anos para ser contemplado”. Em 1998, diante das privatizações ocorridas no setor, o processo de massificação da venda de telefonia móvel sofreu um grande salto, principalmente com as empresas que passaram a ter a concessão desse serviço. Como consequência, foram realizados maiores investimentos em tecnologia e serviços, o que tornou, pouco a pouco, o celular mais acessível à população.

Levando-se em consideração que o *smartphone* é um dos objetos materiais mais predominante da sociedade moderna, a pesquisa realizada na Hungria por Konok et al. (2016) assinalou que a dependência desses aparelhos pode ser relacionada a um fenômeno normativo de base e função biológica. Segundo os autores, da mesma forma que os seres humanos possuem predisposição biológica para formar apegos sociais, eles também podem desenvolver diferentes apegos para algo não humano (animais) e inanimados (celular). Desse modo, o estudo dos autores identificou que o apego ao celular estava relacionado com um maior nível de ansiedade das pessoas, principalmente pela necessidade de contato, posto que o aparelho pode proporcionar uma maior sensação de segurança ao dar a impressão de estar constantemente conectado ao mundo, não se sentindo, portanto, sozinho (KONOK et al., 2016).

Kim (2018) verificou que as pessoas que apresentavam um alto nível de solidão tinham uma maior necessidade de segurança social e de conexão imediata, o que levaria a utilizar o *smartphone* com mais frequência do que os indivíduos sem esses problemas. Nesse sentido, a necessidade de segurança social - que seria o desejo do ser humano ser aceito por outros para se sentir pertencendo a um grupo ou indivíduo - faz o usuário acreditar que com a posse do celular a pessoa nunca estaria sozinho, devido a possibilidade de se comunicar a qualquer dia, hora e lugar. Da mesma forma, a





necessidade de conexão imediata – que seria o forte desejo de receber respostas imediatas de outras pessoas – inevitavelmente faz com que alguns indivíduos queiram sempre estar disponíveis por meio do aparelho, aumentando, assim, o nível de dependência do *smartphone*. Com isso, como as pessoas solitárias tendem a estar ansiosas, elas evitam a interação social e demonstram uma maior preferência pela comunicação por meio das mídias digitais.

Nesse contexto, “várias teorias foram propostas para procurar explicar por que a separação do *smartphone* induziria a ansiedade” (HARTANTO; YANG, 2016, p. 330, tradução nossa). Como exemplo, faz-se interessante destacar o conceito do “eu estendido” de Belk (2013), que aponta para a percepção do celular como uma extensão do *self*, fazendo com que a separação do aparelho seja vista como a perda de si mesmo, o que acarretaria no aumento da ansiedade. Tal conceito possibilita entender melhor também a sensação de “vibração fantasma”, que seria quando a pessoa sente a vibração do aparelho junto ao corpo mesmo quando o celular não está vibrando.

Desta forma, destaca-se a necessidade de entender melhor o fenômeno desta dependência, levando-se em consideração que este é um tema que ainda apresenta lacunas na literatura, gerando incertezas e contradições. Conforme exposto, a realização de um estudo empírico com universitários brasileiros poderá proporcionar uma melhor compreensão dos hábitos e significados desses estudantes em relação ao aparelho celular, proporcionando, portanto, subsídios para tomadas de decisões e reflexões em relação ao uso excessivo do *smartphone* e suas consequências, especialmente no âmbito acadêmico e organizacional.

### 3 Procedimentos Metodológicos

#### 3.1 Participantes

A amostra utilizada é de natureza não probabilística, por conveniência, sendo composta por 377 estudantes universitários do curso de Administração de Empresas de duas Instituições de Ensino Superior (IES) privadas localizadas na região metropolitana dos Estados do Ceará e Rio Grande do Norte. Fizeram parte da pesquisa alunos de todos os semestres do curso, sendo 48% (n=182) dos participantes do sexo masculino e 52% (n=195) do feminino, com idade média de 24 anos, variando estes de 16 a 48 anos.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Em relação ao estado civil, 77% dos participantes eram solteiros, 21% casados e 2% separados ou viúvo. A maioria dos estudantes não tinha filhos (85%) e já trabalhavam (70%), sendo alguns responsáveis pelo sustento da família (47%) e outros que ainda contavam com um suporte familiar (23%) para suprir as despesas do cotidiano.

### 3.2 Instrumento

Foi utilizado como instrumento um questionário estruturado dividido em quatro partes, sendo a primeira relacionada a perguntas de natureza sociodemográficas (gênero, idade, estado civil, trabalho e filhos) e a segunda relativa à quantidade de celulares e operadoras que os respondentes possuíam. A terceira parte foi composta por uma pergunta aberta, que solicitava que os estudantes informassem o que o celular significa para eles.

Em seguida, a quarta parte foi composta pela escala *Mobile Phone Addiction Test* (MPAT), composta por 25 variáveis utilizadas para avaliar a dependência do uso do telefone celular (KING; NARDI, 2014). Faz-se importante destacar que a escala utilizada foi do tipo Likert que variava de 0= Não se aplica até 5= Sempre. O instrumento foi apresentado com linhas de tonalidades alternadas em branco e cinza para evitar possíveis confusões e erros por parte dos respondentes na hora do preenchimento e leitura. Baseado nessas diretrizes, obteve-se o questionário submetido ao pré-teste.

### 3.3 Procedimentos

Diante da autorização das universidades e visando verificar possíveis falhas no entendimento do instrumento e sua adequação para a população investigada, foi aplicado um pré-teste com 23 estudantes com características semelhantes às pretendidas. Após as pequenas correções que surgiram com as sugestões realizadas e já de posse do modelo final, procedeu-se aplicação dos questionários entre os meses de março a maio de 2017.

Os pesquisadores aplicaram os questionários em salas de aula, dando esclarecimentos iniciais sobre como respondê-los, mas procurando intervir o mínimo possível durante o processo de aplicação. Além de ser ressaltada a relevância da pesquisa, também foi enfatizado a não necessidade de identificação, visando, com isso, minimizar possíveis resistências dos respondentes ao garantir o





anonimato no estudo. Cada estudante levou um tempo aproximado de 15 minutos para o preenchimento do questionário.

### 3.4 Análise dos Dados

A princípio, foi verificada a existência de casos omissos para que, só em seguida, seja dado prosseguimento as análises coletadas. Como técnicas de análise dos dados quantitativos foi utilizado a ajuda do software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20.0, para a realização das estatísticas descritivas e regressão múltipla logística. Por sua vez, os dados qualitativos foram analisados por meio da análise de conteúdo temática (BARDIN, 2016), seguindo-se uma lógica positivista. Sendo assim, foi analisado a significação hermenêutica para ser convertida em unidades relevantes, devendo estas ser categorizadas para possíveis transformações em unidades de cálculos estatístico.

## 4 Resultados e Discussões

Tendo em vista os diferentes procedimentos utilizados no instrumento e o conjunto de dados obtidos, ao serem questionados sobre a quantidade de *smartphones* que os universitários possuíam, a maioria (88%) informou ter apenas um aparelho, enquanto 11% disseram ter dois e apenas 1% nenhum. 63% dos sujeitos disseram possuir apenas uma operadora telefônica, 34% duas e 3%, três ou mais operadoras. Além disso, 82% informaram que utilizavam algum tipo de senha para bloquear o celular.

Após a identificação do panorama geral de uso do celular, foram exploradas as associações entre a dependência do aparelho e as variáveis: sexo, idade, estado civil, filhos, participação na vida econômica da família, semestre do curso, quantidade de *smartphones*, quantidade de operadoras e o bloqueio do celular por senha. Para isso, buscou-se por meio da regressão múltipla verificar algumas explicações para a variável explicativa à nomofobia, conforme pode ser verificado na tabela 1, a seguir. Tabela 1 - Estatísticas de regressão múltipla para a dependência do telefone celular.

|            | Coeficientes<br>(B) | Estatística -<br>t | Erro  | P-value | Tolerance | VIF |
|------------|---------------------|--------------------|-------|---------|-----------|-----|
| (Constant) |                     | 10,376             | 5,990 | 0,000   |           |     |



|                           |        |        |       |         |       |       |
|---------------------------|--------|--------|-------|---------|-------|-------|
| Sexo                      | 0,129  | 2,523  | 1,549 | 0,012*  | 0,947 | 1,055 |
| Idade                     | -0,186 | -2,930 | 0,170 | 0,004*  | 0,618 | 1,619 |
| Estado civil              | 0,014  | 0,215  | 2,013 | 0,830   | 0,574 | 1,743 |
| Filhos                    | -0,082 | -1,270 | 2,755 | 0,205   | 0,600 | 1,667 |
| Particip. financ. família | -0,006 | -0,099 | 1,006 | 0,921   | 0,760 | 1,317 |
| Semestre                  | 0,095  | 1,807  | 0,374 | 0,072** | 0,897 | 1,115 |
| Qtde. celular             | 0,082  | 1,553  | 2,360 | 0,121   | 0,895 | 1,117 |
| Qtde. operadoras          | 0,046  | 0,833  | 1,481 | 0,405   | 0,823 | 1,215 |
| Bloqueio por senhas       | 0,083  | 1,625  | 2,042 | 0,105   | 0,943 | 1,061 |

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Nota: Estatística F de 3,773 com significância de 0,000. R=0,306, R<sup>2</sup>=0,093 e R<sup>2</sup>ajust.=0,069, Durbin-Watson=1,939

Onde, \*, \*\* Estatisticamente significantes ao nível de 5% e 10% respectivamente.

Diante do modelo, pode-se notar que as variáveis ‘sexo’, ‘idade’ e ‘semestre’ apresentaram evidências estatísticas significativas para a nomofobia. Quanto ao gênero, detectou-se, com base na tabulação e análise das médias, que as mulheres (71,2) possuem uma maior tendência para o uso indiscriminado do celular do que os homens (67,5). Embora o gênero permaneça um fator não conclusivo em muitas pesquisas (CHEEVER et al., 2014; FORGAYS; HYMAN; SCHREIBER, 2014; SALEHAN; NEGAHBAN, 2013), esses achados vão de acordo com os estudos de Konok et al. (2016), Anshari et al. (2016) e Yuldirim e Correia (2012), que também apontaram que as mulheres eram mais suscetíveis à usarem mais os celulares do que os homens.

Ao analisar a variável ‘idade’, esta apresentou coeficiente negativo, indicando que quanto maior a idade dos alunos, menor a dependência do *smartphone*. Já para a variável ‘semestre’, pode-se constatar que quanto mais avançado o semestre dos universitários, maior a dependência de utilização do celular. Tal relação pode ser explicada levando-se em consideração que é durante os semestres mais adiantados que muitos alunos geralmente estão trabalhando, demandando, portanto, uma maior utilização do aparelho para a realização de compromissos profissionais. Nesse âmbito, Báez e Ramírez (2016) também encontraram essa relação entre os semestres mais avançados do curso universitário e o aumento do uso de *smartphones*. Cabe destacar, ainda, que a quantidade de aparelho celular e operadoras não apresentaram índices significativos em relação à nomofobia.

Ao serem solicitados para completar a frase “meu celular é para mim...”, 369 participantes responderam a este item, o que resultou no surgimento de 23 categorias. Visando identificar o significado do *smartphone* na vida dessas pessoas, percebe-se, desde já, o quão vasta pode ser a importância, significância e função que um celular pode desempenhar no cotidiano do ser humano. De



acordo com a tabela 2, observa-se que o uso do aparelho como um ‘meio de comunicação’ (35,50%) e por ‘necessidade’ (29,54%) foram as principais atribuições dadas pelos respondentes, demonstrando, portanto, o caráter indispensável do celular, especialmente para a comunicabilidade. Com isso, seja por meio de ligação, mensagens ou interação em redes sociais, os respondentes apontam que o telefone celular é fundamental como uma forma de manter a relação, o contato e o diálogo com outras pessoas, sendo de fundamental importância para o atendimento das necessidades diárias.

Tabela 2 - Frequência absoluta e percentual de ocorrência dos significados do celular.

| Categorias           | Frequência de ocorrência |  |
|----------------------|--------------------------|--|
|                      | Absoluta                 | Percentual do total de participantes (N=369) |
| Meio de Comunicação  | 131                      | 35,50%                                       |
| Necessidade          | 109                      | 29,54%                                       |
| Organização          | 70                       | 18,97%                                       |
| Trabalho             | 66                       | 17,88%                                       |
| Interatividade       | 44                       | 11,92%                                       |
| Lazer/Entretenimento | 36                       | 9,75%  |
| Importante           | 36                       | 9,75%  |
| Estudos              | 33                       | 8,94%  |
| Informação/Pesquisa  | 31                       | 8,40%  |
| Particular           | 27                       | 7,31%  |
| Facilitar relações   | 23                       | 6,23%  |
| Não tão importante   | 22                       | 5,96%  |
| Praticidade          | 13                       | 3,52%  |
| Tudo                 | 12                       | 3,25%  |
| Ponte para o mundo   | 8                        | 2,16%  |
| Valioso              | 7                        | 1,90%  |
| Parte do corpo       | 7                        | 1,90%  |
| Segurança            | 4                        | 1,08%  |
| Sobrevivência        | 3                        | 0,81%  |
| Complemento da vida  | 2                        | 0,54%  |
| Companhia            | 1                        | 0,27%  |
| Filho                | 1                        | 0,27%  |
| Computador Móvel     | 1                        | 0,27%  |

Outro significado que também foi comumente ressaltado pelos universitários é a possibilidade de ‘organização’ (18,97%) que o celular proporciona, contribuindo como um facilitador das tarefas do dia-a-dia de forma prática e rápida. Para isso, o caráter multifuncional dos aparelhos sempre era





ressaltado como uma maneira de tornar o cotidiano dos alunos mais produtivos, à medida que várias tarefas podem ser realizadas ao mesmo tempo. Nesse sentido, o uso de algumas ferramentas como, por exemplo, agenda, despertador e relógio foi apontado como características indispensáveis para a presença constante do aparelho na vida dos participantes.

Muitos sujeitos também enfatizaram o ‘trabalho’ (17,88%) como um significado importante atribuído ao uso do *smartphone*. Sua utilização como um instrumento de realização das atividades laborais foi considerada de forma crucial para o desempenho de algumas atividades, como pode ser verificado na justificativa dos seguintes estudantes: “emprego, pois vendo peças masculinas e femininas, através de grupos de *whatsapp* e *instagram* e fanpage no *facebook*” (aluna, 22 anos, 3º semestre); “uma ferramenta complementar do meu trabalho. Posso não está na empresa direto e ele me proporciona isso” (aluno, 20 anos, 2º semestre); “uma das ferramentas para trabalho mais eficiente atualmente, meio de obter lucros” (aluno, 21 anos, 5º semestre).

É importante ressaltar que alguns indivíduos também atribuíram fortes características aos celulares, associando-os a uma ‘parte do corpo’, um ‘filho’, ‘complemento da vida’ e fundamental para a ‘sobrevivência’. Tais atributos sinalizam particularidades interessantes da amostra pesquisada, tendo em vista o caráter íntimo de dependência e relação com o aparelho, conforme pode ser verificado no relato a seguir: “Quando estou sem celular, é como se faltasse uma parte do meu corpo” (aluna, 20 anos, 5º semestre). Segundo Belk (2016), essas particularidades podem ser entendidas pela formação do que o autor chama de “eu estendido”, uma vez que determinados objetos e pessoas podem ser vistos como uma parte do próprio indivíduo, estendendo a identidade para além da mente e do corpo. Assim, segundo o autor, quando esses objetos ou seres humanos são “danificados, morrem ou estão perdidos, sentimos sua perda como uma lesão para si mesmo” (BELK, 2016, p. 50, tradução nossa). Nessa perspectiva, Viacava et al. (2016) também descobriram que os celulares funcionam como parte da vida de muitas pessoas, pois auxilia em interações sociais e no trabalho, podendo em muitos contextos serem vistos como tentações e até dependência.

## 5 Considerações Finais



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O uso abusivo do celular corresponde a um problema complexo e cada vez mais crescente, com características diferentes que podem apresentar distintas consequências, como depressão e fobia social, por exemplo. Se por um lado o hábito de usar esses aparelhos pode ajudar em contextos pessoais e profissionais, por outro lado, em muito, também pode acarretar sérias implicações sociais e laborais. Nesse sentido, a utilização e os significados atribuídos ao uso do *smartphone* foram discutidos ao longo desta pesquisa como uma forma de explorar as limitações teóricas e empíricas ainda presentes na literatura sobre o tema.

Tendo em vista a dificuldade de se reconhecer a dependência digital, a linha que separa do uso ao vício em celular é tênue. Seja na universidade, no trabalho ou em casa, o celular ocupa cada vez mais espaço na rotina dos usuários. A complexidade da dependência do *smartphone* aponta para a possibilidade de múltiplas causas a influenciá-la, o que pôde ser constatado no presente estudo por meio do gênero, idade e o semestre que os alunos estavam cursando. Com isso, as mulheres demonstraram maior propensão para a dependência do celular, assim como os universitários que estavam nos semestres mais adiantados do curso. Além disso, o vício na utilização do *WhatsApp* também foi ligado a fatores relacionados à idade e também a quantidade de aparelhos que os respondentes possuíam. Nesse sentido, os alunos com idades mais elevadas demonstraram menor inclinação para o uso descontrolado, enquanto a quantidade de aparelhos foi um fator determinante para o vício no uso deste aplicativo.

Os principais significados atribuídos ao celular giravam em torno da sua importância como um meio de comunicação, a necessidade de uso e a possibilidade de organização que as diferentes ferramentas proporcionam. O aparelho também foi apontado como elemento importante para as atividades laborais e outras de cunho mais pessoais, sendo comparados, inclusive, como uma extensão dos próprios sujeitos.

Espera-se que esta pesquisa permita um maior entendimento da importância de se investigar o tema em diferentes contextos, possibilitando traçar formas que direcionem a identificação da nomofobia. Visto que há pouco tempo os problemas causados pela dependência do uso do celular ganhou maior notoriedade, principalmente em países estrangeiros e, aos poucos, no Brasil; seria relevante considerar a necessidade de que mais estudos sejam realizados para entender melhor porque as pessoas estão cada vez mais dependentes, quais as consequências acarretadas e como fazer para mitigar essa situação.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## Referências

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações. **Brasil tem 236,2 milhões de linhas móveis em janeiro de 2018**. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/dados/destaque-1/283-brasil-tem-236-2-milhoes-de-linhas-movéis-em-janeiro-de-2018>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

ANSHARI, M.; ALAS, Y.; HARDAKER, G.; JAIDIN, J. H.; SMITH, M.; AHAD, A. D. Smartphone habit and behavior in Brunei: Personalization, gender, and generation gap **Computers in Human Behavior**. v. 64, p. 719-727, 2016.

BÁEZ, C. M. M.; RAMÍREZ, M. S. C. Nivel de nomofobia en estudiantes de medicina de paraguay, año 2015. **Ciencia e Investigación Médico Estudiantil Latinoamericana**. v. 21, n. 1, p. 28-30, 2016.

BARCELOS, R. H.; ESTEVES, P. S.; PIEGAS, B. K. Fatores de Escolha e Troca de Operadora de Telefonia Celular no Brasil: O que pesa na Lealdade dos Consumidores?. **RACEF – Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**. v. 6, n. 2, p. 47-63, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2012.

BELK, R. Extended self and the digital world. **Current Opinion in Psychology**. v. 10, p. 50–54, 2016.

BORGES, G. R.; PETRY, J. F.; MACHADO, D. P. N.; RASIA, I. C. R. B. Um estudo preliminar dos fatores perceptivos subjacentes da preferência dos brasileiros por aparelhos celulares. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**. v. 6, n. 1, p. 255-269, 2016.

BRAGAZZI, N. L.; PUENTE, G. D. A proposal for including nomophobia in the new DSM-V. **Psychology Research and Behavior Management**. v. 7, p. 155-160, 2014.

BURNIER, J. R. **Usar celular na direção é terceira causa de mortes no trânsito do Brasil**. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/09/usar-celular-na-direcao-e-terceira-causa-de-mortes-no-transito-do-brasil.html>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

CHEEVER, N.A; ROSEN, L.D; CARRIER, L.M; CHAVEZ, A. Out of sight is not out of mind: The impact of restricting wireless mobile device use on anxiety levels among low, moderate and high users. **Computers in Human Behavior**. v.37, p. 290-297, 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população residente no brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2017**. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2017/estimativa\\_dou\\_2017.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2017/estimativa_dou_2017.pdf)>. Acesso em: 06 mar. 2018.

FORGAYS, D. K.; HYMAN, I.; SCHREIBER, J. Texting everywhere for everything: Gender and age differences in cell phone etiquette and use. **Computers in Human Behavior**. v. 31, p. 314-321, 2014.

HARTANTO, A.; YANG, H. Is the smartphone a smart choice? The effect of smartphone separation on executive functions. **Computers in Human Behavior**. v. 64, p. 329-336, 2016.





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

KIM, J. H. Psychological issues and problematic use of smartphone: ADHD's moderating role in the associations among loneliness, need for social assurance, need for immediate connection, and problematic use of smartphone. **Computers in Human Behavior**. v.80 p. 390-398, 2018.

KING, A.L.S; NARDI, A.E; CARDOSO, A. **Nomofobia**: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? São Paulo: Atheneu, 2014.

KING, A. L. S.; VALENÇA, A. M.; SILVA, A. C.; SANCASSIANI, F. MACHADO, S.; NARDI, E. "Nomophobia": Impact of Cell Phone Use Interfering with Symptoms and Emotions of Individuals with Panic Disorder Compared with a Control Group. **Clinical Practice & Epidemiology in Mental Health**. v. 10, p. 28-35, 2014.

KONOK, V.; GIGLER, D.; BERECZKY, B. M.; MIKLÓSI, A. Humans' attachment to their mobile phones and its relationship with interpersonal attachment style. **Computers in Human Behavior**. v. 61, p. 537-547, 2016.

KRAJEWSKA-KUŁAK, E.; KULAK, W.; STRYZHAK, A.; SZPAKOW A.; PROKOPOWICZ W.; MARCINKOWSKI, J. T. Problematic mobile phone using among the Polish and Belarusian University students, a comparative study. **Progress in Health Sciences**. v. 2, n.1, p. 45-50, 2012.

LEE, Y. S.; YANG, H. S.; JEONG, C. J.; YOO, Y. D.; JEONG, G. Y.; MOON, J. S.; KANG, M. K.; HONG, S. W. Changes in the Thickness of Median Nerves Due to Excessive Use of Smartphones. **Journal of Physical Therapy Science**. v. 24, p. 1259-1262, 2012.

LYYTINEN, K.; YOO, Y. Issues and challenges in ubiquitous computing. **Communication of the ACM**. v. 45, n. 2, p. 63-65, 2002.

OLIVEIRA, M. **Vítimas da dependência digital**. Disponível em: <  
[https://istoe.com.br/326665\\_VITIMAS+DA+DEPENDENCIA+DIGITAL/](https://istoe.com.br/326665_VITIMAS+DA+DEPENDENCIA+DIGITAL/)>. Último acesso em 16 fev. 2018.

SALEHAN, M. NEGAHBAN, A. Social networking on smartphones: When mobile phones become Addictive. **Computers in Human Behavior**. v. 29, p. 2632-2639, 2013.

SOLER; I. R.; SÁNCHEZ, C. L.; SOLER, C. Q. Adaptación y validación de la escala de nomofobia de yildirim y correia en estudiantes españoles de la educación secundaria obligatoria. **Health and Addictions**. v. 17, n.2, p. 201-213, 2017.

SZPAKOW, A.; STRYZHAK, A.; PROKOPOWICZ, W. Evaluation of threat of mobile phone – addiction among Belarusian University students. **Progress in Health Sciences**. v. 1, n.2, p. 96-101, 2011.

VIACAVAL, J. J. C.; FRANCISQUETTI, J. Q.; LIMA, L. R. S.; JUNIOR, E. O. Preciso mexer no celular: a influência do autocontrole e da depleção do ego no uso de smartphones. **Revista Brasileira de Marketing**. v. 15, n. 1, p. 113-132, 2016.

YILDIRIM, C.; CORREIA, A.P. Exploring the dimensions of nomophobia: Development and validation of a self-reported questionnaire. **Computers in Human Behavior**. v. 49, p. 130–137, 2015.